

EDITORIAL

Argumentos Pró-Educação está concluindo a publicação do Volume 1 de 2016 com a presente divulgação do seu número três. Temos certeza de que a caminhada foi iniciada e, apesar das mazelas comentadas em Editorial anterior, já podemos dizer que atingimos alguns dos nossos objetivos mais modestos. Conseguimos manter a periodicidade prevista, a quantidade de artigos pré-estabelecidos e necessários, a diversidade de origem dos autores e instituições colaboradoras, bem como a pluralidade de orientações teórico-metodológicas impressas nos diferentes artigos. Também zelamos, dentro da dimensão em que nos encontramos, por garantir a qualidade acadêmica exigida. São cuidados que pretendemos preservar daqui em diante e aprimorá-los.

Em um ano difícil para toda a sociedade brasileira e que, com certeza, entrará para a história como atípico, acompanhamos passo a passo os sobressaltos quase diários que se sucederam no campo da educação. De um modo geral, as avançadas furiosas de bandeiras conservadoras e reacionárias, em todas as esferas e locais, atingiram em especial os tênues ganhos políticos e sociais realizados a duras penas nas últimas décadas.

Na educação, dentre tantos aspectos a serem refletidos criticamente, alguns se mostraram fulcrais: o "Movimento da Escola sem Partido", a Reforma do Ensino Médio" por meio de Medida Provisória (MP), a Emenda Constitucional que arrefece a possibilidade de maiores investimentos nas políticas públicas (PEC 241/55), a militarização das escolas, como já acontece nos estados de Goiás e Maranhão e o sinal verde ostensivo para que a educação-mercadoria se privatize em todos os níveis e modalidades. Para onde irá o Plano Nacional de Educação (PNE)? Enfim, cada fator, a sua maneira, sugerindo recuos e incertezas ainda maiores do que antes. No entanto, há a resistência do movimento estudantil, sobremaneira o secundarista, com as sucessivas ocupações de escolas e manifestações públicas. Parece ser um sinal de que nem tudo está perdido.

Argumentos Pró-Educação ingressará em 2017 convencida de que a sua denominação continuará mais atualizada do que nunca. Pelo que se delineou em 2016, vamos necessitar de imensos argumentos pró-educação democrática, de qualidade e socialmente comprometida

com a liberdade, os direitos sociais e a justiça, em todas as suas dimensões. Pela velocidade das ocorrências políticas de 2016, o ano de 2017 não será mais ameno no universo dos embates e antagonismos dos distintos projetos socioculturais.

Mais uma vez agradecemos a todos os colaboradores que aceitaram e acreditaram na nossa proposta e garantiram também a nossa existência até aqui. Com certeza todos vocês foram fundamentais.

No presente número pudemos amearhar a participação dos autores que seguem aqui brevemente pré-anunciados: Zanardini e Rodrigues, em "A educação superior nos governos Lula e Dilma: compreensão dos pesquisadores", buscam compreender a forma de gestão dos últimos governos brasileiros no que tange à política educacional para o acesso à educação superior. Visam o entendimento das relações políticas e econômicas que permeiam a esfera educacional para esse nível de ensino.

Witze e Silva se propõem a analisar as bases legais e ideológicas das políticas educacionais inclusivas implementadas a partir da década de 1990 no Brasil. Em "Políticas educacionais inclusivas em tempos neoliberais: o dito, não dito e o mal dito", apontam que a inclusão, tornada argumento do senso comum, inibe as potencialidades emancipadoras e humanizadoras da educação.

Venco, em "A terceirização nos tempos do cólera: o amor do setor público à precariedade", visa analisar a política educacional paulista no que tange às relações de trabalho praticadas pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, no período 1999 a 2015. Sua principal constatação é a da adoção, pelo setor público, do Estado gerencial, ou seja, o gerencialismo e as implicações daí decorrentes.

Oliveira, Inácio e Buriolla, em "Diferenças considerando ano escolar no Ensino Fundamental: um estudo com estilos intelectuais", apresentam um estudo exploratório para analisar diferenças considerando o ano escolar do Ensino Fundamental em relação aos estilos intelectuais. Face aos resultados obtidos evocam a necessidade de maiores estudos acerca dos estilos intelectuais.

Franco e Mariano, em "Ação docente pelo olhar do professor: uma abordagem crítico-dialética", se colocam como objetivo conceber o conceito de ação docente que o professor universitário apresenta. Além disso, discorrem como ele, professor, elabora as suas aulas e exerce

a sua docência.

Chaluh, em "Relações formativas no processo de pesquisa na e com a escola", aborda a inserção de uma pesquisadora em uma escola de ensino fundamental. Problematiza a entrada da pesquisadora na sala de aula para acompanhar o trabalho pedagógico de duas professoras. Discute o sentido dessa presença. A perspectiva é a de fazer pesquisa na e com a escola: pesquisa-alteridade-formação.

Zanella, em "Dilemas de um professor em sala de aula na busca de um ensino reflexivo", relata sua experiência de docência no Ensino Médio de uma escola pública, após ter concluído o curso de mestrado em educação. Pondera, de forma crítica, os dilemas ocorridos entre os conhecimentos adquiridos e as suas contradições para com a prática. Posiciona-se na Filosofia da Práxis, visando se contrapor ao ensino denominado Reflexivo. Defende a necessidade de que os docentes aprendam a trabalhar com Mediações.

Franco e Souza, em "Os jornais estudantis no cenário educacional tijucano (Ituituba-MG, nos anos 1950 a 1960)", se concentram em desvendar as principais práticas culturais vivenciadas pelos jovens secundaristas de Ituituba-MG nas décadas de 1950 e 1960, representadas pelos impressos estudantis. Os autores consideram ter desvendado grande parte das relações culturais presentes no meio escolar.

"Proposta de autoavaliação do Mestrado em Educação da UNIVÁS: caminho, achados e possibilidades", de Almeida, é visceral para o nosso projeto de construção do Mestrado em Educação da UNIVÁS. O artigo apresenta o caminho percorrido no processo experimental de autoavaliação do Mestrado em Educação da própria instituição, com a participação dos discentes e docentes do curso que pontuam aspectos positivos e negativos dele. O objetivo é subsidiar a construção de um processo permanente de autoavaliação e consolidar a nossa transparência para com a sociedade acadêmica e geral.

Para finalizar, na seção especial para divulgação de textos diversos de pesquisadores convidados pela Revista com debates, opiniões e relatos de interesse para a área de Educação temos Valente, em "História da Educação Matemática e os arquivos do Instituto Jean-Jacques Rousseau da Universidade de Genebra: buscando Claparède e encontrando André Rey", que divulga resultados iniciais de pesquisas que abordam padrões internacionais para o ensino de matemática nos anos iniciais escolares. O texto resulta de estudos desenvolvidos nos Arquivos

do Instituto Jean-Jacques Rousseau-AJJR, da Universidade de Genebra, na Suíça, onde o autor descobriu personagem ainda não estudado no âmbito da Educação Matemática, ou seja, André Rey. Trata-se de acentuar a relevância de Rey para a área.

Finalizando, temos a resenha, que pela primeira vez incluímos em nossas publicações, de Silva, que se dedicou à obra "Histórias de Instituições Escolares: teoria e prática. Bem, como já dito, Argumentos Pró-Educação encerra por aqui o seu Volume 1 de 2016. Foi árdua a tarefa e a equipe interna continuou resistente. Obrigado a cada um. Partiremos para 2017 com as utopias necessárias aos educadores, aos profissionais da educação em geral e especialmente de mãos dadas com os nossos discentes. Sabemos que tudo ainda será muito desafiador. Estamos confiantes porque queremos ser felizes.

Boa leitura a todos e, sem dúvida, apesar de tudo, um excelente 2017.

Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Editor Chefe da Revista Argumentos Pró-Educação
Coordenador do Mestrado em Educação da UNIVÁS